

**CEDI****Povos Indígenas no Brasil**Fonte: Jornal de Brasília Class.: \_\_\_\_\_Data: 18/05/90 Pg.: \_\_\_\_\_**Índio admite trégua após chegada da Polícia Federal**M. Cavalheiro  
*Enviado especial*

**Tocantins (TO)** — O cacique xerente Reinaldo, da Aldeia do Funil, em Tocantínia, reuniu-se ontem com 12 de seus guerreiros, chamados nas matas onde se preparavam para um possível conflito com posseiros no município distante 85 quilômetros de Palmas, capital do Estado do Tocantins. Ele decidiu cessar temporariamente os preparativos, para que os trabalhos de lavoura possam ser iniciados logo, depois de receber um rádio do município de Gurupi, pedindo calma e informando que agentes da Polícia Federal irão à tribo e tratarão de garantir os direitos dos indígenas.

Reinaldo disse que o rádio foi passado pela "delegacia regional de Gururi" e que esperará um pouco mais, "até junho" antes de desfechar os ataques que começariam pela fazenda de José de Souza Moreira, o "Zé Mocó", que está comprando gado e colocando no campo, depois de receber Cr\$ 4,5 milhões de indenização da Funai. Segundo o cacique, há cerca de 12 posseiros renitentes em deixar a reserva demarcada há quase 10 anos pela Funai. O representante dos fazendeiros, José Dorismar Benedito, afirma que os moradores eram 52 e que apenas sete deixaram a região. O número de posseiros que abandonaram a terra é confirmado por Reinaldo. As contas de José Dorismar incluem pessoas que não residem no Funil, mas alegam posse de terra e dizem que deixaram seus campos e lavouras por medo dos índios.

José Dorismar Benedito é presidente da Associação dos Morado-

res de Tocantínia, que na verdade reúne apenas os posseiros do Funil. Ele afirmou que espera o retorno da advogada Maria de Fátima Moreira para tomar qualquer decisão. Dorismar garante desconhecer a iniciativa de um grupo de 40 posseiros que se preparam para uma virtual guerra com os índios e garantiu desejar agir apenas "de acordo com a lei".

**Prazo estendido**

Pela primeira vez esta semana, podiam-se ver homens jovens na Aldeia do Funil. Reinaldo disse que os mandara chamar na mata depois de receber o rádio de Gurupi. Ele atendeu ao pedido da delegada e estendeu o prazo para que os brancos resolvam o conflito e entreguem a terra. Os fazendeiros dizem que os índios são insuflados pela Funai e, na verdade, não tinham aspiração sobre a área. Por esta versão, eles estariam satisfeitos com os 167 mil hectares demarcados em 1972 pela Funai.

Os índios negam isto com firmeza. Eles lembram que o território Xerente estendia-se até o município de Porto Nacional. "Tínhamos direito a mais 36 mil hectares", afirmou o cacique. O "dada mucá" (como é designado o homem mais velho de uma aldeia) Nascimento, um índio de mais de 80 anos, anda revoltado com a estreiteza das terras que os xerente receberão. A área do córrego Tamanca, onde nasceram ele, seus pais e seus avós, não foi incluída. O velho reclama por não poder ter de volta a zona de seus antepassados e porque lá ainda há matas em quantidade razoável.

**Paz**

Ontem, a intenção de Reinaldo

era obter a paz e iniciar em junho o cultivo das lavouras de arroz, milho e, principalmente, mandioca. Para isto chamou jovens. Eles representaram na reunião os cerca de 70 guerreiros que se preparavam para a luta nas matas do Funil, e aceitaram a posição do cacique. Reinaldo reiterou, entretanto, que "se o branco não resolver" caberá a ele expulsar os posseiros das terras que legalmente lhes pertencem. O primeiro será "Zé Mocó", que explora, segundo diz, uma área de 428 alqueires goianos, ou 2 mil hectares. Além de desprestigiar o acordo e comprar mais gado depois de receber a indenização, "Mocó" irrita os índios por não permitir sua passagem pela fazenda. A aldeia Funil não foi incluída na demarcação de 1972 e ficou isolada do restante da tribo, instalada nos 167 mil hectares demarcados naquele ano. "Eu tenho irmãos na Serrinha (a 8 quilômetros dali) e preciso atravessar as terras dele para ir lá", explicou o cacique xerente.

Reinaldo, que já mandara resposteiros — os mensageiros índios — avisar na reserva para que se iniciassem os preparativos para a guerra, queixa-se de falta de recursos. Para encher o tanque da caminhonete da Funai de álcool, ele tem de ir a Miracema do Tocantins, do outro lado do rio, e pagar Cr\$ 300 só de balsa. Isto dificultou a remoção. Ele quer informar melhor as outras aldeias sobre a situação, porque sabe que todos estão muito preocupados — e garantiu que, ao primeiro aviso, se necessário, os guerreiros das outras 11 aldeias irão se juntar a ele para combater o branco invasor.

**CEDI**

**Povos Indígenas no Brasil**

Fonte: Journal de Brasília Class.: 121

Data: 18/05/90 Pg.: \_\_\_\_\_

Índios adiam  
ataque aos  
fazendeiros

Os índios Xerente da aldeia Funil, em Tocantínia (TO), decidiram, liderados pelo cacique Reinaldo, sustar os preparativos de um possível conflito com posseiros. Eles receberam comunicado de que agentes da Polícia Federal estarão se deslocando para a aldeia, a fim de garantir os direitos dos índios. Reinaldo admitiu que pretende esperar até junho antes de dar início aos ataques. Fazendeiros dizem que os índios são insuflados pela Funai (Página 10)